



**Dia da Mulher**

SECRETARIA-GERAL DO SÍNODO

# As Mulheres

**tornam o mundo belo,**  
protegem-no e mantêm-no vivo

- Papa Francisco



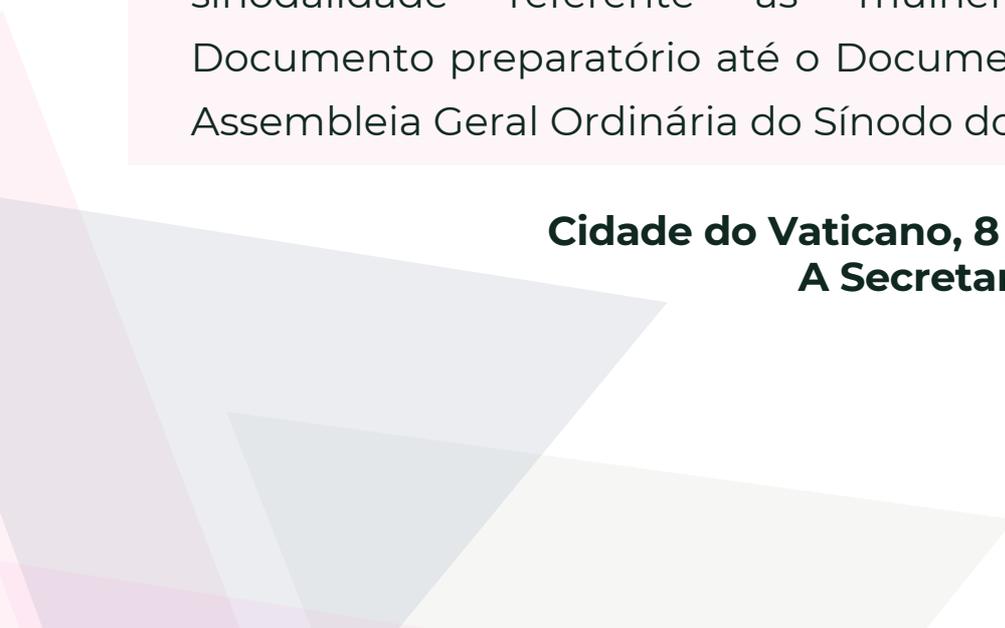


## SAUDAÇÕES

Neste Dia Internacional dos Direitos da Mulher, que é celebrado no dia 8 de março, reconhecemos com gratidão o caminho percorrido até agora e nos comprometemos com mais zelo, mulheres e homens juntos, em virtude de nossa igual dignidade batismal, a caminhar melhor juntos e a discernir como o Espírito está nos chamando para dar expressão concreta a essa recomendação da Assembleia Sinodal de “dar plena implementação de todas as oportunidades já previstas no direito vigente relativamente ao papel das mulheres, particularmente nos lugares onde ainda não foram concretizadas”, a fim de remover os obstáculos que muitas mulheres ainda “continuam a encontrar obstáculos para obter um reconhecimento mais pleno dos seus carismas, da sua vocação e do seu lugar nos vários sectores da vida da Igreja, em detrimento do serviço à missão comum” (DF §60.)

É com esse espírito que hoje lhes oferecemos esses trechos dos documentos do Sínodo sobre a sinodalidade referente às mulheres, desde o Documento preparatório até o Documento final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

**Cidade do Vaticano, 8 de março de 2025**  
**A Secretaria Geral do Sínodo**



*Dia da  
Mulher*

**Documento preparatório**  
do Sínodo 2021-2024



**7.** A despeito das nossas infidelidades, o Espírito continua a agir na história e a manifestar o seu poder vivificante. É precisamente nos sulcos cavados pelos sofrimentos de todos os tipos, suportados pela família humana e pelo Povo de Deus, que florescem novas linguagens da fé e renovados percursos, capazes não apenas de interpretar os acontecimentos de um ponto de vista teológico, mas de encontrar na provação as razões para voltar a fundar o caminho da vida cristã e eclesial. É motivo de grande esperança que não poucas Igrejas já tenham iniciado encontros e processos de consulta do Povo de Deus, mais ou menos estruturados. Onde eles se distinguiram por um estilo sinodal, o sentido de Igreja voltou a florescer e a participação de todos deu renovado impulso à vida eclesial. Também encontram confirmação o desejo de protagonismo no seio da Igreja por parte dos jovens, e o pedido de uma maior valorização das mulheres e de espaços de participação na missão da Igreja, já apontados pelas Assembleias sinodais de 2018 e de 2019. **Nesta linha vão também a recente instituição do ministério laical do catequista e a abertura às mulheres do acesso aos ministérios do leitorado e do acolitado.**



18. Com efeito, a ação de evangelização e a mensagem de salvação não seriam compreensíveis sem a abertura constante de Jesus ao interlocutor mais vasto possível, que os Evangelhos indicam como a multidão, ou seja, o conjunto de pessoas que o seguem ao longo do caminho, e às vezes até o perseguem, na esperança de um sinal e de uma palavra de salvação: eis o segundo ator da cena da Revelação. O anúncio evangélico não se dirige unicamente a poucos iluminados ou escolhidos. O interlocutor de Jesus é “o povo” da vida comum, o “qualquer um” da condição humana, que Ele coloca diretamente em contacto com o dom de Deus e a chamada à salvação. De um modo que surpreende e às vezes escandaliza as testemunhas, Jesus aceita como interlocutores todos aqueles que sobressaem da multidão: ouve a lamentação apaixonada da mulher cananeia (cf. Mt 15, 21-28), que não pode aceitar ser excluída da bênção que Ele traz; abandona-se ao diálogo com a Samaritana (cf. Jo 4, 1-42), **não obstante a sua condição de mulher social e religiosamente comprometida; solicita o ato de fé livre e reconhecido do cego de nascença** (cf. Jo 9), que a religião oficial tinha descartado como alheio ao perímetro da graça.



30. A escuta é o primeiro passo, mas requer que a mente e o coração estejam abertos, sem preconceitos. Com quem está a nossa Igreja particular “em dívida de escuta”? **Como são ouvidos os Leigos, de modo particular os jovens e as mulheres? Como integramos a contribuição de Consagradas e Consagrados?** Que espaço ocupa a voz das minorias, dos descartados e dos excluídos? Conseguimos identificar preconceitos e estereótipos que impedem a nossa escuta? Como ouvimos o contexto social e cultural em que vivemos?



31. A finalidade da primeira fase do caminho sinodal é favorecer um amplo processo de consulta, para recolher a riqueza das experiências de sinodalidade vivida, nas suas diferentes articulações e aspetos, envolvendo os Pastores e os Fiéis das Igrejas particulares em todos os diversificados níveis, através dos meios mais adequados, em conformidade com as realidades locais específicas: a consulta, coordenada pelo Bispo, destina-se «aos Presbíteros, Diáconos e Fiéis leigos das suas Igrejas, individualmente ou associados, sem transcurar a valiosa contribuição que pode vir dos Consagrados e das Consagradas» (EC, n. 7). De maneira particular, solicita-se a contribuição dos organismos de participação das Igrejas particulares, especialmente do Conselho presbiteral e do Conselho pastoral, a partir dos quais verdadeiramente «pode começar a tomar forma uma Igreja sinodal».22 Será igualmente preciosa a contribuição das outras realidades eclesiais às quais o Documento Preparatório for enviado, assim como daqueles que quiserem enviar diretamente a própria contribuição. Finalmente, será de importância fundamental que encontre espaço também a voz dos pobres e dos excluídos, e não somente daqueles que desempenham alguma função ou responsabilidade no seio das Igrejas particulares.



# *Dia da Mulher*

## **Documento de trabalho para a Etapa Continental do Sínodo, 2022**

**“Alarga o espaço da tua tenda”**

## Uma escuta que se faz acolhimento



32. Neste percurso, as Igrejas caíram na conta de que o caminho para uma maior inclusão – a tenda alargada – se realiza de modo gradual. Inicia com a escuta e exige uma mais ampla e profunda conversão das atitudes e das estruturas e também de novos modos de acompanhamento pastoral e a disponibilidade de reconhecer que as periferias podem ser o lugar em que ecoa um apelo à conversão e a pôr decididamente em prática o Evangelho. A escuta exige reconhecer o outro como sujeito do seu próprio caminho. Quando conseguimos fazê-lo, os outros sentem-se acolhidos, não julgados, livres para partilhar o seu caminho espiritual. Isto foi experimentado em muitos contextos e, para alguns, isto foi o aspeto mais transformador de todo o processo: a experiência sinodal pode ser lida como um percurso de reconhecimento para aqueles que não se sentem suficientemente reconhecidos na Igreja. Isto é particularmente verdadeiro para os leigos e leigas, diáconos, consagrados e consagradas que antes tinham a sensação de que a Igreja institucional não se interessava pela sua experiência de fé ou pelas suas opiniões.

33. As sínteses refletem também sobre a dificuldade de escutar profundamente e de aceitar ser transformados por esta escuta, põem em evidência a falta de processos comunitários de escuta e discernimento e pedem uma maior formação neste campo. Além disso, notam que permanecem obstáculos estruturais, entre os quais: estruturas hierárquicas que favorecem tendências autocráticas; uma cultura clerical individualista que isola as pessoas e fragmenta as relações entre sacerdotes e leigos; disparidades socioculturais e económicas que privilegiam as pessoas ricas e instruídas; a ausência de espaços «intermédios» que favoreçam o encontro entre os membros de grupos separados. A síntese da Polónia afirma: “Não escutar leva à incompreensão, à exclusão, à marginalização. Como ulterior consequência, cria-se o fechamento, o simplismo, a falta de confiança e medos que destroem a comunidade. Quando os sacerdotes não querem ouvir, encontram desculpas como o grande número de atividades, ou quando as perguntas ficam sem resposta, no coração dos fiéis leigos nasce um sentido de estranheza e tristeza. Sem escuta, as respostas às dificuldades dos fiéis são tiradas do contexto e não dizem respeito à essência dos problemas que estão a viver, tornando-se moralismos vazios. Os leigos consideram que a fuga da escuta sincera deriva do medo de dever comprometer-se pastoralmente. Uma sensação semelhante cresce quando os bispos não têm tempo para falar e ouvir os fiéis”.



34. Ao mesmo tempo, as sínteses são sensíveis à solidão e ao isolamento de muitos membros do clero, que não se sentem ouvidos, apoiados e apreciados: talvez uma das vozes menos evidentes nas sínteses é precisamente a dos sacerdotes e bispos que falam de si e da própria experiência de caminhar juntos. Uma especial atenção deve ser dada aos ministros ordenados, no que respeita às dimensões afetivas e sexuais das suas vidas. Assinala-se também a importância de proporcionar formas de acolhimento e proteção às mulheres e aos eventuais filhos dos sacerdotes que quebraram o voto do celibato, que de outro modo correm o risco de sofrer graves injustiças e discriminações.

37. Igualmente é posto em relevo o empenho do Povo de Deus pela defesa da vida frágil e ameaçada em todas as suas fases. Por exemplo, para a Igreja greco-católica da Ucrânia, faz parte da sinodalidade “estudar o fenómeno da migração feminina e oferecer apoio às mulheres de diferentes faixas etárias; prestar particular atenção às mulheres que decidem abortar por causa do medo da pobreza material e da rejeição por parte das famílias na Ucrânia; promover um trabalho educativo entre as mulheres que são chamadas a fazer uma escolha responsável quando se encontram a atravessar um momento difícil da sua vida, com o fim de preservar e proteger a vida dos nascituros e prevenir o recurso ao aborto; assumir o cuidado das mulheres com síndrome pós-aborto”.



## À escuta de quem se sente não cuidado e excluído

38. As sínteses mostram com clareza que muitas comunidades já compreenderam a sinodalidade como um convite a pôr-se à escuta daqueles que se sentem exilados da Igreja. Os grupos que experimentam um sentido de exílio são diversos, começando por muitas mulheres e jovens que não sentem reconhecidos os próprios dons e as suas capacidades. No interior deste conjunto bastante heterogéneo, muitos sentem-se denegridos, marginalizados, incompreendidos. A nostalgia de uma casa caracteriza também aqueles que se sentem desconfortáveis após os desenvolvimentos litúrgicos do Concílio Vaticano II. Para muitos é transformadora a experiência de serem escutados seriamente e representa um primeiro passo para se sentirem incluídos. Por outro lado, foi fonte de tristeza o facto de que alguns tenham tido a sensação que a sua participação no percurso sinodal não fosse apreciada: trata-se de um sentimento que requer compreensão e diálogo.



51. Muitas Igrejas referem encontrar-se perante um contexto cultural assinalado pelo declínio da credibilidade e da confiança de que gozam por causa da crise dos abusos. Outros indicam como fatores culturais críticos o individualismo e o consumismo: “Cada dia podemos sentir que também no nosso País o anúncio do Evangelho é posto em discussão pela crescente secularização, pelo individualismo e pelo indiferentismo em relação às formas institucionais da religião” (CE Hungria). A síntese de Malta, como muitas outras, sublinha como as implicações históricas entre a Igreja e o poder político continuam a ter um efeito sobre o contexto da missão. Muitas Igrejas sentem encontrar-se perante estes desafios culturais, todos em conjunto, mas desejam crescer na confiança de poder anunciar o Evangelho também “numa sociedade consumista que não conseguiu garantir a sustentabilidade, a equidade ou o sentido de realização” (CE Irlanda). Outras Igrejas experimentam um pluralismo de posições no seu interior: “A África meridional sofre também o impacto das tendências internacionais da secularização, do individualismo e do relativismo. Temas como o ensinamento da Igreja sobre o aborto, a contraceção, a ordenação das mulheres, os padres casados, o celibato, o divórcio e a passagem a novo casamento, a possibilidade de receber a comunhão, a homossexualidade, as pessoas LGBTQIA+ foram referidas em todas as Dioceses, tanto rurais como urbanas. Foram referidos pontos de vista diferentes e não é possível formular uma posição definitiva da comunidade sobre nenhuma destas temáticas” (CE África do Sul). Numerosas sínteses exprimem amargura e preocupação pelas pressões que caem sobre as famílias e o conseqüente impacto sobre as relações entre gerações e sobre a transmissão da fé. Muitas sínteses asiáticas pedem um melhor acompanhamento e formação das famílias que devem enfrentar as mudanças culturais.



## Repensar a participação das mulheres

60. O apelo a uma conversão da cultura da Igreja, para a salvação do mundo, está ligado em termos concretos à possibilidade de instaurar uma nova cultura, com novas práticas, estruturas e hábitos. Isto diz respeito, antes de mais, ao papel das mulheres e à sua vocação, enraizada na sua dignidade batismal comum, para participar plenamente na vida da Igreja. Este é um ponto crítico no qual existe uma consciência crescente em todas as partes do mundo.



61. De todos os continentes chega um apelo a fim de que as mulheres católicas sejam valorizadas acima de tudo como batizadas e membros do Povo de Deus com igual dignidade. É quase unânime a afirmação que as mulheres amam profundamente a Igreja, mas muitas sentem tristeza porque a sua vida não é bem compreendida, enquanto o seu contributo e os seus carismas não são sempre valorizados. A síntese da Terra Santa nota: “Quem se comprometeu mais no processo sinodal foram as mulheres, que parecem ter compreendido não só que tinham mais a ganhar, mas também mais a oferecer pelo facto de serem relegadas para uma margem profética, da qual observam o que acontece na vida da Igreja”; e continua: “Numa Igreja em que quase todos os que tomam decisões são homens, há poucos espaços nos quais as mulheres possam fazer ouvir a própria voz. E constituem, contudo, a espinha dorsal das comunidades eclesiais, quer porque representam a maioria dos praticantes, quer porque são dos mais ativos membros da Igreja”. A síntese da Coreia afirma: “Não obstante a grande participação das mulheres nas várias atividades eclesiais, são muitas vezes excluídas dos principais processos de decisão. Portanto, a Igreja deve melhorar a própria consciência e os aspetos institucionais das suas atividades” (CE Coreia). A Igreja encontra-se a enfrentar dois desafios relacionados entre si: as mulheres permanecem a maioria dos que frequentam a liturgia e participam nas atividades, sendo os homens uma minoria; contudo, a maior parte dos papéis de decisão e de governo são desempenhados por homens. É claro que a Igreja deve encontrar o modo de atrair os homens a uma pertença mais ativa na Igreja e permitir às mulheres participar mais plenamente em todos os níveis da vida da Igreja.





62. Em todos os âmbitos da sua vida, as mulheres pedem à Igreja para estar do seu lado. Perante as dinâmicas sociais de empobrecimento, violência e humilhação que enfrentam em todo o mundo, as mulheres pedem uma Igreja que esteja do seu lado, mais compreensiva e solidária no combate destas forças de destruição e exclusão. Quantos participaram nos processos sinodais desejam que a Igreja e a sociedade sejam para as mulheres um lugar de crescimento, participação ativa e sã pertença. Algumas sínteses notam que as culturas dos seus países fizeram progressos na inclusão e na participação das mulheres e que estes progressos poderiam servir de modelo para a Igreja. “A falta de igualdade para as mulheres dentro da Igreja é vista como um obstáculo para a Igreja no mundo moderno” (CE Nova Zelândia).

63. De formas diversas, o problema está presente em todos os contextos culturais e diz respeito à participação e ao reconhecimento tanto das leigas, como das religiosas. O contributo dos Institutos de Vida Consagrada afirma: “Nos processos de decisão e na linguagem da Igreja, o sexismo está muito difuso [...]. Conseqüentemente, às mulheres são barrados papéis significativos na vida da Igreja e sofrem discriminações pois não recebem um salário igual para as funções e serviços que desempenham. As religiosas são muitas vezes consideradas como mão de obra barata. Nalgumas Igrejas há a tendência a excluir as mulheres e a confiar funções a diáconos permanentes; e também a desvalorizar a vida consagrada sem hábito, sem ter em conta a fundamental igualdade e dignidade de todos os fiéis cristãos batizados, mulheres e homens” (USG/UISG).

64. Quase todas as sínteses levantam a questão da plena e igual participação das mulheres: “O crescente reconhecimento da importância das mulheres na vida da Igreja abre possibilidades de maior participação, ainda que limitada, nas estruturas eclesiais e nas esferas de tomada de decisões” (CE Brasil). Contudo, não concordam quanto a uma resposta única e exaustiva à questão da vocação, da inclusão e da valorização das mulheres na Igreja e na sociedade. Muitas sínteses, depois de uma atenta escuta do contexto, pedem que a Igreja prossiga o discernimento sobre algumas questões específicas: papel ativo das mulheres nas estruturas de governo dos organismos eclesiais, possibilidade para as mulheres com adequada formação de pregar no âmbito paroquial, diaconado feminino. Posições bastante mais diversificadas vêm expressas a propósito da ordenação presbiteral para as mulheres, que algumas sínteses desejam, enquanto outras a consideram uma questão fechada.

65. Um elemento fundamental deste processo diz respeito ao reconhecimento dos modos em que as mulheres, especialmente as religiosas, estão já na primeira linha das práticas sinodais, nalgumas das situações sociais mais difíceis que a Igreja é chamada a enfrentar: “Há sementes de sinodalidade onde se abre um novo terreno de solidariedade: ocorre assegurar um futuro de justiça racial e étnica e de paz para as irmãs e os irmãos negros, mestiços, asiáticos e nativos americanos (Estados Unidos); relacionar-se em profundidade com as irmãs e os irmãos indígenas e nativos (Américas); abrir novos caminhos de presença das religiosas nos diversos movimentos; aliar-se com grupos que partilham a mesma orientação para enfrentar questões sociais fundamentais (como as mudanças climáticas, o problema dos refugiados e requerentes de asilo, dos sem-abrigo), ou relativos a países específicos” (USG/UISG). Nestes contextos, as mulheres procuram colaboradores e podem ser mestras de sinodalidade dentro de processos eclesiais mais amplos.





## Tensões a gerir: renovação e reconciliação

91. Muitas sínteses encorajam fortemente a prática de um estilo sinodal de celebração litúrgica que permita a participação ativa de todos os fiéis no acolhimento de todas as diferenças, na valorização de todos os ministérios e no reconhecimento de todos os carismas. A escuta sinodal das Igrejas regista muitas questões a enfrentar nesta direção: a reflexão sobre uma liturgia demasiado centrada no celebrante, as modalidades de participação ativa dos leigos, o acesso das mulheres a papéis ministeriais. “Permanecendo fiéis à tradição, à sua originalidade, antiguidade e uniformidade, procuramos tornar a celebração mais viva e participada por toda a comunidade dos crentes: sacerdotes e leigos, jovens e crianças, que leem os sinais dos tempos com sólido discernimento. Os jovens estão a tentar encontrar espaço na liturgia com os cânticos e isso é positivo” (CE Etiópia).

108. A grande maioria das Conferências Episcopais, consultadas pela Secretaria Geral do Sínodo, deseja que os representantes de todo o Povo de Deus sejam envolvidos na Etapa Continental.

É por isso que se pede que todas as Assembleias sejam eclesiais e não apenas episcopais, assegurando que a sua composição represente adequadamente a variedade do Povo de Deus: bispos, sacerdotes, diáconos, consagrados e consagradas, leigos e leigas. No que diz respeito aos participantes nas Assembleias Continentais, é importante prestar especial atenção à presença adequada de mulheres e jovens (leigos e leigas, consagrados e consagradas em formação, seminaristas); pessoas que vivem em condições de pobreza ou marginalização, e aqueles que têm contacto direto com elas; delegados fraternos de outras denominações cristãs; representantes de outras religiões e tradições de fé e algumas pessoas sem filiação religiosa. Os bispos são também convidados a encontrar-se uns com os outros no final das Assembleias Continentais, a fim de reexaminar colegialmente a experiência sinodal vivida a partir do seu carisma e papel específicos. Em particular, os bispos são convidados a individuar modalidades apropriadas para desempenhar o seu papel de convalidação e aprovação do Documento Final, assegurando que seja o fruto de um processo autenticamente sinodal, respeitador do processo que se seguiu e fiel às diversas vozes do Povo de Deus em cada continente.



# *Dia da Mulher*

**Instrumentum Laboris para  
a Primeira Sessão da Assembleia**  
do Sínodo em outubro de 2023



## **Como pode a Igreja do nosso tempo cumprir melhor a sua missão através de um maior reconhecimento e promoção da dignidade batismal das mulheres?**

No Batismo, o cristão entra num novo vínculo com Cristo e, n'Ele e por Ele, com todos os Batizados, com todo o gênero humano e com toda a criação. Filhas e filhos do único Pai, ungidos pelo mesmo Espírito, em virtude de partilharem o mesmo vínculo com Cristo, os Batizados são dados uns aos outros como membros de um único corpo, no qual gozam de igual dignidade (cf. Gal 3, 26-28). A fase de escuta reafirmou a consciência desta realidade, indicando que ela deve encontrar uma realização cada vez mais concreta na vida da Igreja também através de relações de mutualidade, reciprocidade e complementaridade entre homens e mulheres:

a) de modo essencialmente unânime, mesmo se as perspectivas de cada continente são diferentes, todas as Assembleias continentais pedem que se preste atenção à experiência, à condição e ao papel das mulheres. Celebram a fé, a participação e o testemunho de tantas mulheres em todo o mundo, leigas e consagradas, como evangelizadoras e, muitas vezes, primeiras formadoras na fé, notando especialmente a sua contribuição para a “margem profética”, em lugares remotos e contextos sociais problemáticos;

b) além disso, as Assembleias continentais apelam a uma reflexão mais profunda sobre a realidade dos fracassos relacionais, que são também fracassos estruturais que afetam a vida das mulheres na Igreja, convidando a um processo de conversão contínua para tentar tornar-se mais plenamente aquilo que já somos no Batismo. As prioridades para a Assembleia sinodal incluem abordar as alegrias e tensões, bem como as oportunidades de conversão e renovação na forma como vivemos as relações entre homens e mulheres na Igreja, também na concretude das relações entre Ministros ordenados, Consagradas e Consagrados, Leigas e Leigos;

c) durante a primeira fase do Sínodo, as questões da participação das mulheres, o seu reconhecimento, a relação de apoio mútuo entre homens e mulheres e a presença de mulheres em posições de responsabilidade e de governo emergiram como elementos cruciais na procura de como viver a missão da Igreja de uma forma mais sinodal. As mulheres que participaram na primeira fase expressaram claramente um desejo: que a sociedade e a Igreja sejam um lugar de crescimento, de participação ativa e de pertença saudável para todas as mulheres. Pedem à Igreja que esteja ao seu lado para acompanhar e promover a realização deste desejo. Numa Igreja que quer ser verdadeiramente sinodal, estas questões devem ser abordadas em conjunto, e devem ser construídas em conjunto respostas concretas para um maior reconhecimento da dignidade batismal das mulheres e para a luta contra todas as formas de discriminação e exclusão de que são vítimas na comunidade eclesial e na sociedade;

d) finalmente, as Assembleias continentais sublinham a pluralidade de experiências, pontos de vista e perspectivas das mulheres e pedem que esta diversidade seja reconhecida nos trabalhos da Assembleia Sinodal, evitando tratar as mulheres como um grupo homogêneo ou como um tema de discussão abstrato ou ideológico.

### **Pergunta para o discernimento**

**Que medidas concretas pode a Igreja tomar para renovar e reformar os seus procedimentos, disposições institucionais e estruturas, de modo a permitir um maior reconhecimento e participação das mulheres, incluindo no governo e a todos os estágios dos processos decisórios, incluindo a tomada de decisões, em um espírito de comunhão e com vistas à missão?**

### **Sugestões para a oração e a reflexão preparatória**

1) As mulheres desempenham um papel importante na transmissão da fé, nas famílias, nas paróquias, na vida consagrada, nas associações e movimentos, nas instituições laicais, como professoras e catequistas. Como reconhecer, apoiar, acompanhar o seu contributo já considerável? Como valorizá-lo para aprender a ser uma Igreja cada vez mais sinodal?

2) Os carismas das mulheres já estão presentes e atuam na Igreja de hoje. O que é que podemos fazer para os discernir e apoiar e para aprender o que o Espírito nos quer ensinar através deles?



3) Todas as Assembleias continentais apelam a que se aborde a questão da participação das mulheres na governança, na tomada de decisões, na missão e nos ministérios a todos os níveis da Igreja, com o apoio de estruturas apropriadas para que isto não permaneça apenas uma aspiração geral.

a) Como é que as mulheres podem ser incluídas em cada uma destas áreas em maior número e de novas formas?

b) Como é que, na vida consagrada, as mulheres podem estar mais bem representadas nos processos de governança e de tomada de decisões, mais bem protegidas dos abusos e também mais justamente remuneradas pelo seu trabalho?

c) Como podem as mulheres contribuir para a governança, ajudando a promover uma maior responsabilidade e transparência e a reforçar a confiança na Igreja?

d) Como aprofundar a reflexão sobre a contribuição das mulheres na reflexão teológica e no acompanhamento das comunidades? Como dar espaço e reconhecimento a esta contribuição nos processos formais de discernimento a todos os níveis da Igreja?

e) Que novos ministérios poderiam ser criados para proporcionar meios e oportunidades para a participação efetiva das mulheres nos órgãos de discernimento e de decisão? Como aumentar a corresponsabilidade nos processos de tomada de decisão em lugares remotos e em contextos sociais problemáticos, onde as mulheres são frequentemente os principais agentes da pastoral e da evangelização? Os contributos recebidos durante a primeira fase referem que as tensões com os Ministros Ordenados surgem na ausência de dinâmicas de corresponsabilidade e de processos de tomada de decisão partilhados.

4) A maior parte das Assembleias continentais e as sínteses de numerosas Conferências Episcopais pedem que se volte a considerar a questão do acesso das mulheres ao Diaconado. Como se pode encarar esta questão?

5) Como é que os homens e as mulheres podem cooperar melhor no desempenho do ministério pastoral e no exercício de responsabilidades conexas?





## **Como podemos desenvolver práticas de discernimento e processos de tomada de decisão de uma forma autenticamente sinodal, reforçando o papel de liderança do Espírito?**

Como Igreja sinodal, somos chamados a discernir juntos os passos a dar para realizar a missão de evangelização, sublinhando o direito de todos a participar na vida e na missão da Igreja e exortando ao contributo insubstituível de cada Batizado. Na base de todo o discernimento está o desejo de fazer a vontade do Senhor e o crescimento na familiaridade com Ele através da oração, da meditação da Palavra e da vida sacramental, que nos permite escolher como Ele escolheria. Sobre o lugar do discernimento numa Igreja sinodal missionária:

a) das Assembleias continentais emerge com força o desejo de processos de decisão mais partilhados, capazes de integrar o contributo de todo o Povo de Deus, mas também a competência de alguns, e de envolver aqueles que, por várias razões, permanecem à margem da vida comunitária, como as mulheres, os jovens, as minorias, os pobres e os excluídos. A este desejo junta-se a insatisfação com formas de exercício da autoridade em que as decisões são tomadas sem consulta;



4) Como promover a participação das mulheres, dos jovens, das minorias e das vozes marginais nos processos de discernimento e de tomada de decisões?

5) Como é que uma articulação mais clara entre a totalidade do processo de tomada de decisão e o momento específico da tomada de decisão nos pode ajudar a identificar melhor qual é a responsabilidade dos diferentes atores em cada fase? Como é que entendemos a relação entre a tomada de decisão e o discernimento em comum?

6) Como é que os consagrados e as consagradas podem e devem participar nos processos de decisão das Igrejas locais? O que podemos aprender da sua experiência e das suas diferentes espiritualidades no que respeita ao discernimento e aos processos de decisão? O que é que podemos aprender com as associações, movimentos e agregações de leigos?



## Que estruturas podem ser desenvolvidas para consolidar uma Igreja sinodal missionária?

As Assembleias continentais exprimem vivamente o desejo de que o modo de proceder sinodal, experimentado no atual caminho, penetre na vida quotidiana da Igreja a todos os níveis, renovando as estruturas existentes - a começar pelos Conselhos pastorais diocesanos e paroquiais, os Conselhos para os assuntos econômicos, os Sínodos diocesanos ou eparquiais - ou instituindo novas estruturas. Sem diminuir a importância da renovação das relações no seio do Povo de Deus, a intervenção nas estruturas é indispensável para consolidar as mudanças no tempo. Em particular:





b) isto requer que as estruturas e as instituições funcionem com procedimentos adequados: transparentes, orientados para a missão, abertos à participação, capazes de dar espaço às mulheres, aos jovens, às minorias e aos pobres e marginalizados. Isto vale para as instâncias participativas já mencionadas, cujo papel deve ser reafirmado e consolidado, mas também: para os órgãos de decisão das associações, dos movimentos e das novas comunidades; para os órgãos de governo dos institutos de vida consagrada e das sociedades de vida apostólica (de modo adequado ao carisma particular de cada um deles); para as múltiplas e variadas instituições, muitas vezes também sujeitas ao direito civil, através das quais se realiza a ação missionária e o serviço da comunidade cristã: escolas, hospitais, universidades, meios de comunicação social, centros de acolhimento e de ação social, centros culturais, fundações, etc;

3) Quais são os obstáculos (mentais, teológicos, práticos, organizacionais, financeiros, culturais) que impedem a transformação dos órgãos de participação atualmente previstos no direito canônico em órgãos de discernimento comunitário eficaz? Que reformas são necessárias para que possam apoiar a missão de forma efetiva, criativa e vibrante? Como torná-los mais abertos à presença e à contribuição das mulheres, dos jovens, dos pobres, dos migrantes, dos membros das minorias e daqueles que, por várias razões, se encontram à margem da vida comunitária?

# *Dia da Mulher*

## **Relatório de Síntese da Primeira Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária**

do Sínodo dos Bispos, 4-29 de outubro de 2023

“Uma Igreja sinodal em missão”



## As mulheres na vida e na missão da Igreja

### Convergências

a) Fomos criados homem e mulher, à imagem e semelhança de Deus. Desde o princípio, a criação articula unidade e diferença, conferindo a mulheres e homens uma natureza, uma vocação e um destino partilhados e duas experiências distintas do humano. A Sagrada Escritura testemunha a complementaridade e a reciprocidade de mulheres e homens. Nas múltiplas formas em que se realiza, a aliança entre o homem e a mulher está no centro do projeto de Deus para a criação. Jesus considerava as mulheres suas interlocutoras: falava com elas sobre o Reino de Deus e acolhia-as entre os discípulos, como por exemplo Maria de Betânia. Estas mulheres fizeram experiência do seu poder de cura, de libertação e de reconhecimento e caminharam com Ele na estrada da Galileia até Jerusalém (cf. Lc 8,1-3). Confiou a uma mulher, Maria Madalena, a missão de anunciar a ressurreição na manhã de Páscoa.

b) Em Cristo mulheres e homens são revestidos da mesma dignidade batismal e recebem em igual medida a variedade dos dons do Espírito (cf. Gl 3,28). Homens e mulheres são chamados a uma comunhão caracterizada por uma corresponsabilidade não competitiva, que deve ser encarnada em todos os níveis da vida da Igreja. Como nos disse o Papa Francisco, somos, pelo contrário, «povo convocado e chamado com a força das bem-aventuranças».

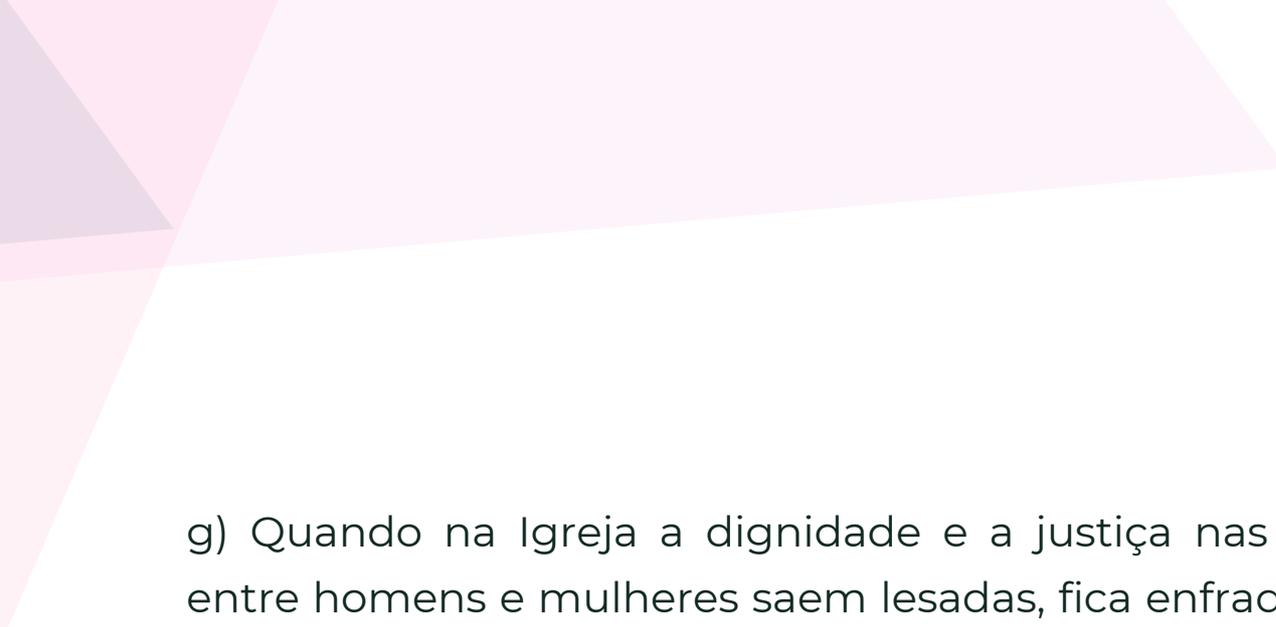
c) Durante a Assembleia experimentámos a beleza da reciprocidade entre mulheres e homens. Juntos relançamos o apelo das precedentes fases do processo sinodal, e pedimos à Igreja para crescer no compromisso de compreender e acompanhar as mulheres, do ponto de vista pastoral e sacramental. As mulheres desejam partilhar a experiência espiritual de caminhar juntos rumo à santidade nas diferentes fases da vida: como jovens, como mães, nas relações de amizade, na vida familiar em todas as idades, no mundo do trabalho e na vida consagrada. Reclamam justiça na sociedade ainda profundamente marcada por violência sexual e desigualdades económicas, e pela tendência a tratá-las como objetos. Carregam as cicatrizes do tráfico de seres humanos, das migrações forçadas e das guerras. O acompanhamento e a promoção decidida das mulheres caminham lado a lado.

d) As mulheres constituem a maioria das pessoas que frequentam as igrejas e são, muitas vezes, as primeiras missionárias da fé na família. As consagradas, na vida contemplativa e na apostólica, constituem um dom, um sinal e um testemunho de importância fundamental no meio de nós. A longa história de mulheres missionárias, santas, teólogas e místicas é uma poderosa fonte de inspiração e alimento para as mulheres e para os homens do nosso tempo.

e) Maria de Nazaré, mulher de fé e mãe de Deus, continua a ser para todos uma extraordinária fonte de significado do ponto de vista teológico, eclesial e espiritual. Maria recorda-nos o chamamento universal a escutar Deus com atenção e a permanecer abertos ao Espírito Santo. Conheceu a alegria de dar à luz e fazer crescer, e suportou a dor e o sofrimento. Deus à luz em condições de precariedade, fez a experiência de ser refugiada e viu o vexame do assassínio brutal do seu Filho. Mas também conheceu o esplendor da ressurreição e a glória do Pentecostes.

f) Muitas mulheres exprimiram a sua profunda gratidão pelo trabalho de sacerdotes e bispos, mas também falaram de uma Igreja que fere. Clericalismo, machismo e um uso inapropriado da autoridade continuam a deturpar o rosto da Igreja e causam dano à comunhão. É necessária uma profunda conversão espiritual como base para qualquer mudança estrutural. Abusos sexuais, de poder e económicos continuam a clamar por justiça, cura e reconciliação. Perguntamo-nos de que forma poderá a Igreja tornar-se um espaço capaz de proteger a todos.





g) Quando na Igreja a dignidade e a justiça nas relações entre homens e mulheres saem lesadas, fica enfraquecida a credibilidade do anúncio que damos ao mundo. O processo sinodal mostra que há necessidade de uma renovação das relações e de mudanças estruturais. Deste modo, seremos capazes de acolher melhor a participação e o contributo de todos – leigos e leigas, consagradas e consagrados, diáconos, padres e bispos – enquanto discípulos corresponsáveis pela missão.

h) A Assembleia pede que se evite o erro de falar das mulheres como uma questão ou um problema. Desejamos, antes, promover uma Igreja em que os homens e as mulheres dialogam com o objetivo de compreender melhor a profundidade dos desígnios de Deus, em que aparecem juntos como protagonistas, sem subordinação, exclusão ou competição.





## Questões a aprofundar

i) As Igrejas de todo o mundo formularam com clareza o pedido de um maior reconhecimento e valorização do contributo das mulheres e de um crescimento das responsabilidades pastorais que lhes são confiadas em todas as áreas da vida e da missão da Igreja. Para dar melhor expressão aos carismas de todos e para responder melhor às necessidades pastorais, como é que poderá a Igreja inserir mais mulheres nas funções e nos ministérios existentes? Se forem necessários novos ministérios, a quem cabe fazer o discernimento, a que nível e com qual modalidade?

j) Foram expressas diferentes posições acerca do acesso das mulheres ao ministério diaconal. Alguns consideram que este passo seria inaceitável, na medida em que se encontra em descontinuidade com a Tradição. Para outros, porém, conceder às mulheres o acesso ao diaconado recuperaria uma prática da Igreja das origens. Outros, ainda, discernem neste passo uma resposta apropriada e necessária aos sinais dos tempos, fiel à Tradição e capaz de encontrar eco no coração de muitas pessoas que procuram uma renovada vitalidade e energia na Igreja. Alguns exprimem o receio de que este pedido seja expressão de uma perigosa confusão antropológica; acolhendo-a, a Igreja estaria a alinhar pelo espírito do tempo.

k) O debate a este respeito está também relacionado com a reflexão mais ampla sobre a teologia do diaconado (cf. infra cap. 11, h - i).

## Propostas

l) As Igrejas locais são encorajadas, de modo particular, a alargar o seu serviço de escuta, acompanhamento e cuidado às mulheres que, nos diferentes contextos sociais, estão mais marginalizadas.

m) É urgente garantir que as mulheres possam participar nos processos de decisão e assumir papéis de responsabilidade na pastoral e no ministério. O Santo Padre aumentou de modo significativo o número de mulheres em posições de responsabilidade na Cúria Romana. O mesmo deveria acontecer nos outros níveis da vida da Igreja. Consequentemente, é necessário adaptar o direito canónico.

n) Que se dê seguimento à pesquisa teológica e pastoral sobre o acesso das mulheres ao diaconado, beneficiando dos resultados das comissões propositadamente instituídas pelo Santo Padre e dos estudos teológicos, históricos e exegéticos já realizados. Se possível, os resultados deveriam ser apresentados à próxima sessão da Assembleia.

o) Os casos de discriminação laboral e de remuneração desigual dentro da Igreja devem ser debatidos e resolvidos, particularmente no que concerne às consagradas que, muitíssimas vezes, são consideradas mão de obra barata.



p) É preciso ampliar o acesso das mulheres aos programas de formação e aos estudos teológicos. Insiram-se as mulheres nos programas de ensino e formação dos seminários para favorecer uma melhor formação para o ministério ordenado.

q) Os textos litúrgicos e os documentos da Igreja estejam mais atentos não só ao uso de uma linguagem que tenham em igual consideração os homens e as mulheres, mas também à inserção de uma gama de palavras, imagens e relatos que se inspirem com maior vitalidade na experiência feminina.

r) Propomos que mulheres, com formação adequada, possam ser juízas em todos os processos canônicos.



# *Dia da Mulher*

## **Instrumentum Laboris para a Segunda Sessão da XVI Assembleia** do Sínodo de outubro de 2024

*Como ser Igreja sinodal missionária*



## Irmãs e irmãos em Cristo: uma reciprocidade renovada

13. A primeira diferença que encontramos como pessoas humanas é a existente entre homens e mulheres. A nossa vocação de cristãos consiste em honrar esta diferença dada por Deus, vivendo no seio da Igreja uma reciprocidade relacional dinâmica como sinal para o mundo. Na reflexão realizada sobre esta visão em chave sinodal, os contributos recolhidos em todas as fases evidenciaram a necessidade de conferir um maior reconhecimento aos carismas, às vocações e ao papel das mulheres em todos os aspetos da vida da Igreja como passo indispensável para promover esta reciprocidade relacional. A perspetiva sinodal evidencia três pontos teológicos de referência como orientação para o discernimento: a) a participação está alicerçada nas implicações eclesiológicas do Batismo; b) na qualidade de Povo de Batizados, somos chamados a não enterrar os nossos talentos, mas a reconhecer os dons que o Espírito infunde em cada um para bem da comunidade e do mundo ; c) no respeito pela vocação de cada um, os dons que o Espírito concede aos Fiéis estão ordenados entre si e a colaboração de todos os Batizados é praticada na base da corresponsabilidade. O testemunho da Sagrada Escritura orienta-nos nesta reflexão: Deus escolheu algumas mulheres como primeiras testemunhas e anunciadoras da ressurreição. Por força do Batismo, estão em condições de perfeita igualdade, recebem a mesma efusão de dons por parte do Espírito e são chamadas ao serviço da missão de Cristo.



14. Neste sentido, a primeira mudança a efetuar é a da mentalidade: uma conversão a uma visão de relacionalidade, interdependência e reciprocidade entre mulheres e homens, que são irmãs e irmãos em Cristo, com vista à missão comum. A comunhão, a participação e a missão da Igreja são as primeiras a sofrer as consequências de uma falta de conversão das relações e das estruturas. Como afirma o contributo de uma Conferência Episcopal latino-americana: «uma Igreja em que todos os membros possam sentir-se corresponsáveis é também um lugar atrativo e credível».

15. Os contributos das Conferências Episcopais reconhecem que são numerosos os aspetos da vida da Igreja abertos à participação das mulheres. No entanto, referem também que estas possibilidades de participação frequentemente não são utilizadas. Sugerem por isso que a Segunda Sessão promova a consciencialização das mesmas e fomente o seu desenvolvimento posterior no âmbito das Paróquias, das Dioceses e das restantes realidades eclesiais, incluindo os cargos de responsabilidade. Por outro lado, é necessário explorar outras formas ministeriais e pastorais, a fim de conferir uma expressão mais apropriada aos carismas que o Espírito infunde nas mulheres em resposta às exigências pastorais do nosso tempo. Assim se exprime uma Conferência episcopal latino-americana: «Na nossa cultura permanece forte a presença do machismo, sendo necessária uma participação mais ativa das mulheres em todos os setores eclesiais. Como afirma o Papa Francisco, a sua perspectiva é indispensável nos processos decisórios e na assunção de funções nas diversas formas de pastoral e de missão».



16. Dos contributos das Conferências episcopais resultam exigências concretas a submeter à apreciação da Segunda Sessão, entre as quais: a) a promoção de espaços de diálogo na Igreja, que permitam às mulheres partilhar experiências, carismas, competências, intuições espirituais, teológicas e pastorais para benefício de toda a Igreja; b) uma participação mais alargada das mulheres nos processos de discernimento eclesial e em todas as fases dos processos decisórios (proposta e tomada de decisões); c) um acesso mais alargado a posições de responsabilidade nas Dioceses e nas instituições eclesiais, na linha das disposições já existentes; d) um maior reconhecimento e um apoio mais firme à vida e aos carismas das Consagradas e o seu envolvimento em posições de responsabilidade; e) o acesso das mulheres a cargos de responsabilidade nos seminários, nos institutos e nas faculdades de teologia; f) o aumento do número de mulheres que exercem as funções de juiz nos processos canónicos. Os contributos continuam ainda a chamar a atenção para o uso de linguagem e de uma série de imagens extraídas das Escrituras e da tradição na pregação, no ensino, na catequese e na redação dos documentos oficiais da Igreja.

17. Enquanto que algumas Igrejas locais requerem que as mulheres sejam admitidas ao ministério diaconal, outras reafirmam o contrário. Em relação a este tema, que não será objeto dos trabalhos da Segunda Sessão, é conveniente que prossiga a reflexão teológica, com tempos e modalidades adequados. Contribuirão para o seu amadurecimento os frutos do Grupo de estudo n. 5, o qual tomará em consideração os resultados das Comissões que se dedicaram a este tema no passado.

18. Muitos dos pedidos e exigências acima referidos são igualmente aplicáveis aos leigos do sexo masculino, cuja escassa participação na vida da Igreja é lamentada. Em geral, a reflexão sobre o papel das mulheres evidencia frequentemente o desejo de um reforço de todos os ministérios exercidos pelos Leigos (homens e mulheres). Solicita-se ainda que Fiéis leigos de ambos os sexos, devidamente formados, possam contribuir para a pregação da Palavra de Deus inclusivamente durante a celebração da Eucaristia.





## Parte I – Relações

Ao longo de todo o processo sinodal e em todas as latitudes emergiu a exigência de uma Igreja não burocrática, mas capaz de nutrir as relações: com o Senhor, entre homens e mulheres, na família, na comunidade, entre grupos sociais. Somente uma trama de relações entretecida pela multiplicidade das pertenças está em condições de apoiar as pessoas e as comunidades, oferecendo-lhes pontos de referência e de orientação e revelando a beleza da vida segundo o Evangelho: é nas relações - com Cristo, com os outros, na comunidade – que se transmite a fé.

29. Enquanto expressão da liberdade do Espírito na concessão dos seus dons, e enquanto resposta às necessidades das comunidades individuais, existe na Igreja uma variedade de ministérios que podem ser exercidos por qualquer Batizado, homem ou mulher. Trata-se de serviços não ocasionais, reconhecidos pela comunidade e por quem tem a missão de a guiar. Podem ser designados ministérios batismais, para indicar a sua origem comum (o Batismo) e para os distinguir dos ministérios ordenados, radicados no sacramento da Ordem. Existem, por exemplo, homens e mulheres que exercem o ministério de coordenação de uma pequena comunidade eclesial, o ministério de orientação de momentos de oração (em funerais ou outras ocasiões), o ministério extraordinário da comunhão ou outros serviços não necessariamente de carácter litúrgico.

Os ordenamentos canónicos latinos e orientais já preveem que, em alguns casos, também os Fiéis leigos, homens ou mulheres, possam ser ministros extraordinários do Batismo. No ordenamento latino, o Bispo pode delegar em Fiéis leigos, homens ou mulheres, a função de assistir aos Matrimónios. É útil continuar a refletir no modo de confiar estes ministérios aos Leigos de uma maneira mais estável. Esta reflexão é acompanhada pela referente à promoção de formas mais numerosas de ministerialidade laical, também fora do âmbito litúrgico.





## Uma formação integral e partilhada

55. O objetivo da formação na perspectiva da sinodalidade missionária consiste em fazer de nós, homens e mulheres, testemunhas capazes de assumir a missão da Igreja em corresponsabilidade e em cooperação com o poder do Espírito (cf. At 1,8). A formação terá assim por base o dinamismo da iniciação cristã, procurando promover a experiência pessoal de encontro com o Senhor e, conseqüentemente, um processo de conversão permanente de comportamentos, relações, mentalidades e estruturas. O sujeito da missão é sempre a Igreja, e cada um dos seus membros é testemunha e mensageiro da salvação em virtude desta pertença. A Eucaristia, «fonte e centro de toda a vida cristã» (LG 11), é o lugar fundamental da formação sobre sinodalidade. A família, enquanto comunidade de vida e de amor, é um lugar privilegiado de educação para a fé e a prática cristã. É escola de sinodalidade no relacionamento intergeracional, convidando cada um a cuidar dos outros, e demonstrando que todos – fracos e fortes, crianças, jovens e idosos – têm muito a receber e muito a dar.





57. Por último, foi bastante acentuada a insistência sobre a necessidade de uma formação comum e partilhada, na qual tomem parte homens e mulheres, Leigos, Consagrados, Ministros ordenados e Candidatos ao Ministério ordenado, permitindo assim aumentar o conhecimento e a estima recíprocos, bem como a capacidade de colaboração. Solicita-se igualmente que seja prestada especial atenção à promoção da participação das mulheres nos programas de formação, ao lado de Seminaristas, Sacerdotes, Religiosos e Leigos. Reveste-se também de crucial importância o seu acesso ao cargo de docentes e formadoras nas Faculdades e Institutos de teologia e nos Seminários.

Sugere-se ainda oferecer a Presbíteros, Bispos e Leigos uma formação sobre as tarefas que as mulheres já podem desempenhar na Igreja e promover uma avaliação do recurso efetivo a esta oportunidade em todos os quadrantes da vida da Igreja: Paróquias, Dioceses, associações laicais, movimentos eclesiais, comunidades novas, vida consagrada, instituições eclesiais, até à Curia Romana. O trabalho do Grupo de estudo n. 4 incide na revisão da formação dos Candidatos ao Ministério ordenado (*Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*) em perspetiva sinodal missionária. Um pedido proveniente de todos os continentes é a promoção da formação sobre a pregação. Por fim, emerge a necessidade de uma formação partilhada, teórica e prática, sobre o discernimento comunitário no âmbito dos diversos contextos locais.



## Transparência, prestação de contas, avaliação

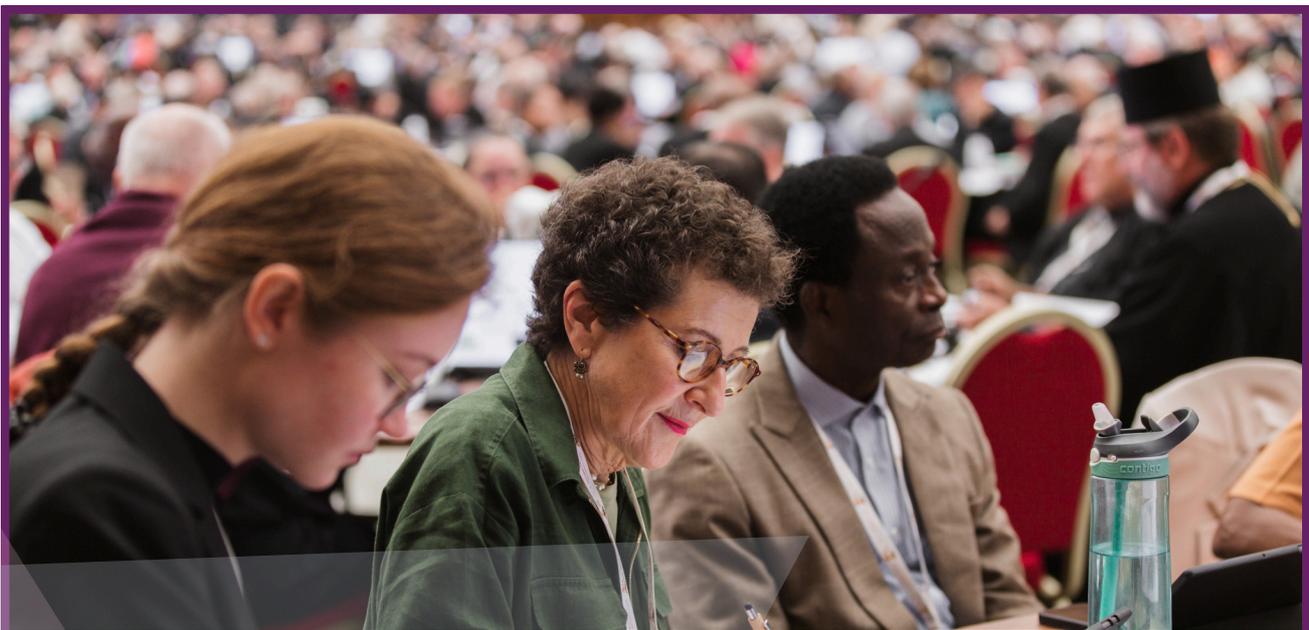
79. Em particular, parece necessário garantir, em formas apropriadas aos diversos contextos, pelo menos: a) um funcionamento eficaz dos Conselhos dos assuntos económicos; b) o envolvimento efetivo do Povo de Deus, nomeadamente dos membros mais competentes, no planeamento pastoral e económico; c) a elaboração e publicação (acessibilidade efetiva) de um relatório de contas anual, se possível certificado por revisores externos, que torne transparente a gestão dos bens e dos recursos financeiros da Igreja e das suas instituições; d) uma prestação de contas anual sobre a evolução da missão, que compreenda uma ilustração das iniciativas empreendidas em matéria de safeguarding (tutela de menores e pessoas vulneráveis) e de promoção do acesso das mulheres a posições de autoridade, bem como da sua participação nos processos decisórios; e) procedimentos de avaliação periódica do desempenho de todos os ministérios e atribuições no seio da Igreja. Também este aspeto se reveste de grande importância e urgência para a credibilidade do processo sinodal e da sua implementação.





## As Igrejas locais na Igreja Católica única e una

93. A composição destes organismos requer também uma atenção similar, de modo a favorecer uma maior participação das mulheres, dos jovens e dos que vivem em condições de pobreza ou marginalização. Por outro lado, como salientado também na Primeira Sessão, é fundamental que estes órgãos integrem homens e mulheres empenhados no testemunho da fé na realidade comum da vida e nas dinâmicas sociais, com uma disposição apostólica e missionária reconhecida (cf. RdS 18d), e não só pessoas empenhadas na organização da vida e dos serviços internos da comunidade. Deste modo, o discernimento eclesial realizado por estes organismos poderá beneficiar de uma maior abertura, capacidade de análise da realidade e pluralidade de perspetivas. Por último, muitos contributos assinalam a oportunidade de tornar obrigatórios os Conselhos cuja instituição é discricional no direito atualmente vigente.



# *Dia da Mulher*

## **Documento final “Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação, Missão” - Segunda Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária**

do Sínodo dos Bispos, 2-27 de outubro de 2024



## Introdução

6. Não escondemos que experimentámos em nós o cansaço, a resistência à mudança, a tentação de fazer prevalecer as nossas ideias sobre a escuta da Palavra de Deus e a prática do discernimento. No entanto, a misericórdia de Deus, o Pai terníssimo, permite-nos sempre purificar o nosso coração e continuar o nosso caminho. Reconhecemo-lo quando iniciámos a Segunda Sessão com uma Vigília Penitencial, na qual pedimos perdão pelos nossos pecados, sentimos vergonha e elevámos a nossa intercessão pelas vítimas dos males do mundo. Chamámos os nossos pecados pelo nome: contra a paz, a criação, os povos indígenas, os migrantes, as crianças, as mulheres, os pobres, a escuta, a comunhão. Isto fez-nos compreender que a sinodalidade exige arrependimento e conversão. Na celebração do sacramento da misericórdia de Deus, fazemos a experiência de sermos amados incondicionalmente: a dureza dos corações é superada e abrimo-nos à comunhão. É por isso que queremos ser uma Igreja misericordiosa, capaz de partilhar com todos o perdão e a reconciliação que vêm de Deus: pura graça da qual não somos donos, mas apenas testemunhas.





## **A unidade como harmonia**

36. O processo sinodal mostrou que o Espírito Santo suscita constantemente no Povo de Deus uma grande variedade de carismas e ministérios. “Também na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja (cf. 1 Cor 12,1-11)” (LG 7). De igual modo, surgiu a aspiração de alargar as possibilidades de participação e de exercício da corresponsabilidade diferenciada de todos os Batizados, homens e mulheres. A este propósito, porém, foi manifestada a tristeza pela falta de participação de tantos membros do Povo de Deus neste caminho de renovação eclesial e o cansaço generalizado em viver plenamente uma sã relação entre homens e mulheres, entre gerações e entre pessoas e grupos de diferentes identidades culturais e condições sociais, especialmente os pobres e os excluídos.





## Novas relações

50. Ao longo de todo o caminho do Sínodo e em todas as latitudes, emergiu o apelo a uma Igreja mais capaz de alimentar as relações: com o Senhor, entre homens e mulheres, nas famílias, nas comunidades, entre todos os Cristãos, entre grupos sociais, entre as religiões, com a criação. Muitos manifestaram a surpresa por terem sido interpelados e a alegria por poderem fazer ouvir a sua voz na comunidade; não faltaram também aqueles que partilharam o sofrimento de se sentirem excluídos ou julgados também devido à sua situação matrimonial, identidade e sexualidade. O desejo de relações mais autênticas e significativas não exprime apenas a aspiração de pertencer a um grupo coeso, mas corresponde a uma profunda consciência de fé: a qualidade evangélica das relações comunitárias é decisiva para o testemunho que o Povo de Deus é chamado a atuar na história. “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). As relações renovadas pela graça e a hospitalidade oferecida aos últimos segundo o ensinamento de Jesus são o sinal mais eloquente da ação do Espírito Santo na comunidade dos discípulos. Para ser uma Igreja sinodal é necessária, portanto, uma verdadeira conversão relacional. Temos de reaprender do Evangelho que o cuidado das relações não é uma estratégia ou o instrumento para uma maior eficácia organizacional, mas é o modo como Deus Pai se revelou em Jesus e no Espírito. Quando as nossas relações, mesmo na sua fragilidade, deixam transparecer a graça de Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito, confessamos com a vida a fé em Deus Trindade.



52. A necessidade de conversão nas relações diz respeito, inequivocamente, às relações entre homens e mulheres. O dinamismo relacional está inscrito na nossa condição de criaturas. A diferença sexual constitui a base da relacionalidade humana. “Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gn 1,27). No projeto de Deus, esta diferença original não implica desigualdade entre homem e mulher. Na nova criação, ela é reinterpretada à luz da dignidade do Batismo: “todos vós que recebestes o batismo de Cristo fostes revestidos de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,27-28). Como Cristãos, somos chamados a acolher e a respeitar, nos diferentes modos e nos diversos contextos em que se exprime, esta diferença que é dom de Deus e fonte de vida. Damos testemunho do Evangelho quando procuramos viver relações que respeitam a igual dignidade e a reciprocidade entre homens e mulheres. As expressões recorrentes de dor e sofrimento por parte de mulheres de todas as regiões e continentes, tanto leigas como consagradas, durante o processo sinodal, revelam como muitas vezes não conseguimos fazê-lo.



## Numa pluralidade de contextos

54. É nesta dinâmica que se enraízam os males que afligem o nosso mundo, a começar pelas guerras e conflitos armados, e a ilusão de que uma paz justa pode ser alcançada pela força das armas. Igualmente letal é a convicção de que toda a criação, até mesmo as pessoas, podem ser exploradas à vontade para fins lucrativos. Esta é a consequência de muitas e diversas barreiras que dividem as pessoas, mesmo nas comunidades cristãs, e limitam as possibilidades de alguns em relação às de outros: as desigualdades entre homens e mulheres, o racismo, a divisão em castas, a discriminação das pessoas com deficiência, a violação dos direitos das minorias de todos os géneros, a falta de disponibilidade para acolher os migrantes. Também a relação com a terra, nossa irmã e mãe (cf. LS 1), apresenta sinais de uma fratura que põe em perigo a vida de inúmeras comunidades, sobretudo nas regiões mais pobres, se não mesmo de povos inteiros e talvez de toda a humanidade. O fechamento mais radical e dramático é o da própria vida humana, que leva ao descarte das crianças, desde o ventre materno, e dos idosos.





## Carismas, vocações e ministérios para a missão

60. Em virtude do Batismo, homens e mulheres gozam de igual dignidade no Povo de Deus. No entanto, as mulheres continuam a encontrar obstáculos para obter um reconhecimento mais pleno dos seus carismas, da sua vocação e do seu lugar nos vários sectores da vida da Igreja, em detrimento do serviço à missão comum. As Escrituras atestam o papel de primeiro plano de muitas mulheres na história da salvação. A uma mulher, Maria de Magdala, foi confiado o primeiro anúncio da Ressurreição; no dia de Pentecostes, Maria, a Mãe de Deus, estava presente no Cenáculo, juntamente com muitas outras mulheres que tinham seguido o Senhor. É importante que as passagens relevantes da Escritura encontrem lugar apropriado nos lecionários litúrgicos. Alguns momentos cruciais da história da Igreja confirmam o contributo essencial das mulheres movidas pelo Espírito. As mulheres constituem a maioria daqueles que frequentam as igrejas e são frequentemente as primeiras testemunhas da fé nas famílias. São ativas na vida das pequenas comunidades cristãs e nas paróquias; dirigem escolas, hospitais e centros de acolhimento; lideram iniciativas de reconciliação e de promoção da dignidade humana e da justiça social. As mulheres contribuem para a investigação teológica e estão presentes em posições de responsabilidade nas instituições ligadas à Igreja, na Cúria diocesana e na Cúria Romana. Há mulheres que exercem cargos de autoridade ou são responsáveis pela comunidade.



Esta Assembleia convida a dar plena implementação de todas as oportunidades já previstas no direito vigente relativamente ao papel das mulheres, particularmente nos lugares onde ainda não foram concretizadas. Não há razões que impeçam as mulheres de assumir funções de liderança na Igreja: não se pode impedir o que vem do Espírito Santo. A questão do acesso das mulheres ao ministério diaconal também permanece em aberto e é necessário prosseguir o discernimento a este respeito. A Assembleia convida também a prestar maior atenção à linguagem e às imagens utilizadas na pregação, no ensino, na catequese e na redação dos documentos oficiais da Igreja, dando mais espaço ao contributo de mulheres santas, teólogas e místicas.





66. A missão envolve todos os Batizados. A primeira tarefa dos Leigos e Leigas é permear e transformar as realidades temporais com o espírito do Evangelho (cf. LG 31.33; AA 5-7). O processo sinodal, apoiado por um estímulo do Papa Francisco (cf. Carta Apostólica sob a forma de Motu proprio Spiritus Domini, 10 de janeiro de 2021), exortou as Igrejas locais a responderem com criatividade e coragem às necessidades da missão, discernindo entre os carismas alguns em que é oportuno que tomem uma forma ministerial, dotando-se de critérios, instrumentos e procedimentos adequados. Nem todos os carismas devem ser configurados como ministérios, nem todos os Batizados devem ser ministros, nem todos os ministérios devem ser instituídos. Para que um carisma seja configurado como ministério, é necessário que a comunidade identifique uma verdadeira necessidade pastoral, acompanhada de um discernimento feito pelo Pastor, juntamente com a comunidade, sobre a oportunidade de criar um novo ministério. Como fruto de tal processo, a autoridade competente assume a decisão. Numa Igreja sinodal missionária, é necessária a promoção de formas mais numerosas de ministérios laicais, isto é, que não requerem o sacramento da Ordem, não só no âmbito litúrgico. Podem ser instituídos ou não instituídos. É preciso também uma reflexão sobre o modo de confiar os ministérios laicais numa época em que as pessoas se deslocam cada vez mais facilmente de um lugar para outro, especificando tempos e âmbitos para o seu exercício.



## Juntos pela missão

76. A estes juntam-se os ministérios não instituídos ritualmente, mas exercidos com estabilidade por mandato da autoridade competente, como, por exemplo, o ministério de coordenar uma pequena comunidade eclesial, de orientar a oração da comunidade, de organizar ações caritativas, etc., que admitem uma grande variedade segundo as características da comunidade local. Um exemplo disso são os catequistas que sempre estiveram à frente de comunidades sem Presbíteros em muitas regiões de África. Mesmo que não exista um rito prescrito, é oportuno tornar pública a sua atribuição através de um mandato perante a comunidade para favorecer o seu reconhecimento efetivo. Há também ministérios extraordinários, como o ministério extraordinário da comunhão, a presidência das celebrações dominicais na ausência de Presbítero, a administração de certos sacramentais ou outros. Os ordenamentos canónicos latino e oriental já preveem que, nalguns casos, os Fiéis leigos, homens ou mulheres, possam ser também ministros extraordinários do Batismo. No ordenamento canónico latino, o Bispo (com a autorização da Santa Sé) pode delegar a assistência aos matrimónios a Fiéis leigos, homens ou mulheres. Com base nas necessidades dos contextos locais, deve ser considerada a possibilidade de alargar e tornar estáveis estas oportunidades de exercício ministerial por parte dos Fiéis leigos. Finalmente, há os serviços espontâneos, que não precisam de mais condições nem de reconhecimentos explícitos. Mostram que todos os Fiéis, de vários modos, participam na missão através dos seus dons e carismas.



77. Aos Fiéis leigos, homens e mulheres, devem ser oferecidas mais oportunidades de participação, explorando também outras formas de serviço e ministério em resposta às exigências pastorais do nosso tempo, num espírito de colaboração e corresponsabilidade diferenciada. do processo sinodal emergem, em particular, algumas exigências concretas às quais é preciso dar resposta de modo adequado aos diversos contextos:

- a) uma participação mais ampla dos Leigos e Leigas nos processos de discernimento eclesial e em todas as fases dos processos de decisão (elaboração e tomada de decisões);
- b) um acesso mais alargado dos Leigos e Leigas a cargos de responsabilidade nas dioceses e nas instituições eclesiais, incluindo seminários, institutos e faculdades de teologia, em conformidade com as disposições já existentes;
- c) um maior reconhecimento e apoio decidido à vida e aos carismas dos consagrados e consagradas e ao seu empenhamento em cargos de responsabilidade eclesial;
- d) o aumento do número de Leigos e Leigas qualificados que possuem a função de juízes nos processos canónicos;
- e) um reconhecimento efetivo da dignidade e o respeito dos direitos daqueles que trabalham como funcionários da Igreja e das suas instituições.



## Transparência, prestação de contas, avaliação

102. Em particular, sob formas adequadas aos diferentes contextos, parece necessário assegurar, pelo menos:

- a) um funcionamento efetivo dos Conselhos para os Assuntos Económicos;
- b) o envolvimento efetivo do Povo de Deus, em particular dos membros mais competentes, na planificação pastoral e económica;
- c) a predisposição e a publicação (adequada ao contexto local e com acessibilidade efetiva) de uma prestação de contas económica anual, certificada na medida do possível por auditores externos, que torne transparente a gestão dos bens e dos recursos financeiros da Igreja e das suas instituições;
- d) a predisposição e a publicação de uma prestação de contas anual sobre o desempenho da missão, que compreenda também uma ilustração das iniciativas empreendidas em matéria de safeguarding (tutela dos menores e das pessoas vulneráveis) e de promoção do acesso de pessoas leigas a cargos de autoridade e da sua participação nos processos de decisão, especificando a proporção em relação ao género;
- e) procedimentos de avaliação periódica do desempenho de todos os ministérios e cargos dentro da Igreja.

Temos consciência de que prestarmos contas não é um trabalho burocrático por si mesmo, mas um esforço comunicativo que se revela um poderoso meio educativo em vista da mudança da cultura, além de nos permitir dar maior visibilidade a muitas iniciativas valiosas da Igreja e das suas instituições, que muitas vezes permanecem desconhecidas.

## Sinodalidade e organismos de participação



106. Deve ser dada igual atenção à composição dos órgãos de participação, de modo a favorecer um maior envolvimento das mulheres, dos jovens e dos que vivem em condições de pobreza ou marginalização. Além disso, é fundamental que tais órgãos incluam pessoas batizadas empenhadas no testemunho da fé nas realidades ordinárias da vida e das dinâmicas sociais, com uma reconhecida disposição apostólica e missionária, e não apenas pessoas empenhadas na organização da vida e dos serviços no seio da comunidade. Deste modo, o discernimento eclesial beneficiará de uma maior abertura, capacidade de análise da realidade e pluralidade de perspectivas. Na base das necessidades dos diferentes contextos, poderá ser oportuno prever a participação de representantes de outras Igrejas e Comunhões cristãs, à semelhança do que acontece na Assembleia Sinodal, ou de representantes de outras religiões presentes no território. As Igrejas locais e os seus agrupamentos podem mais facilmente indicar alguns critérios para a composição dos órgãos de participação adequados a cada contexto.



## Enraizados e peregrinos

115. A relação entre lugar e espaço sugere também uma reflexão sobre a Igreja como “casa”. Quando não é entendida como um espaço fechado, inacessível, a defender a todo o custo, a imagem da casa evoca possibilidades de acolhimento, de hospitalidade e inclusão. A própria criação é casa comum, na qual os membros da única família humana vivem com todas as outras criaturas. O nosso compromisso, sustentado pelo Espírito, é fazer com que a Igreja seja percebida como casa acolhedora, sacramento de encontro e de salvação, escola de comunhão para todos os filhos e filhas de Deus. A Igreja é também Povo de Deus a caminho com Cristo, no qual cada um é chamado a ser peregrino de esperança. A prática tradicional das peregrinações é um sinal disso. A piedade popular é um dos lugares de uma Igreja sinodal missionária.





## Formar um povo de discípulos missionários

143. Um dos pedidos que emergiu com maior força e de todas as partes durante o processo sinodal é que a formação seja integral, contínua e partilhada. O seu objetivo não é apenas a aquisição de conhecimentos teóricos, mas a promoção de capacidade de abertura e encontro, de partilha e colaboração, de reflexão e discernimento em comum, de leitura teológica das experiências concretas. Deve, portanto, interpelar todas as dimensões da pessoa (intelectual, afectiva, relacional e espiritual) e incluir experiências concretas devidamente acompanhadas. Igualmente marcante foi a insistência na necessidade de uma formação em que participem juntos homens e mulheres, Leigos, Consagrados, Ministros ordenados e candidatos ao ministério ordenado, permitindo assim crescer no conhecimento e estima recíproca e na capacidade de colaborar. Isto requer a presença de formadores idóneos e competentes, capazes de confirmar com a vida o que transmitem com a palavra: só assim a formação será verdadeiramente generativa e transformadora. Também não foi esquecido o contributo que as disciplinas pedagógicas podem dar à predisposição de percursos formativos bem direccionados, atentos aos processos de aprendizagem na idade adulta e ao acompanhamento das pessoas e das comunidades. Devemos, pois, investir na formação de formadores.



148. Ao longo do processo sinodal, foi amplamente expresso o pedido de que os percursos de discernimento e formação dos candidatos ao ministério ordenado sejam configurados em estilo sinodal. Significa que devem prever uma presença significativa de figuras femininas, uma inserção na vida quotidiana das comunidades e a educação a colaborar com todos na Igreja e a praticar o discernimento eclesial. Isto implica um investimento corajoso de energia na preparação dos formadores. A Assembleia pede uma revisão da *Ratio Fundamentalibus Institutionis Sacerdotalis* que incorpore as solicitações amadurecidas no Sínodo, traduzindo-as em indicações precisas para uma formação à sinodalidade. Os percursos formativos devem ser capazes de despertar nos candidatos a paixão pela missão *ad gentes*. Não menos necessária é a formação dos Bispos, para que possam assumir melhor a sua missão de congregar na unidade os dons do Espírito e exercer em estilo sinodal a autoridade que lhes foi conferida. O estilo sinodal de formação implica que a dimensão ecuménica esteja presente em todos os aspetos dos percursos para o ministério ordenado.

